

EUA, um parceiro justo. Na opinião do embaixador norte-americano.

— O protecionismo norte-americano não é nada perto do protecionismo dos demais países com que o Brasil comercia. Temos uma indústria de calçados doente e, mesmo assim, importamos 22 milhões de pares do Brasil no primeiro semestre de 1980. A importação de aviões chega a ser taxada com 70% de imposto, mas a alíquota do Bandeirante brasileiro é zero.

As afirmações são do embaixador norte-americano no Brasil, Langhorne Anthony Motley, no almoço com que foi homenageado, ontem, pela Câmara Americana de Comércio. Foi a primeira visita oficial de Motley a São Paulo, que falou em inglês para uma platéia formada principalmente por executivos de empresas norte-americanas. (Brasileiro de nascimento, o embaixador só pode ser indicado depois que o Brasil aceitou o pedido de Reagan de que sua cidadania fosse cassada.)

Originalmente, um empresário, partidário de Reagan, 43 anos e falando fluentemente o português, Motley discursou por 15 minutos, abordando principalmente temas de política econômica, política internacional, terrorismo e o relacionamento entre o Brasil e os Estados Unidos.

O lugar do Brasil

Foi enfático ao abordar essas relações: "O governo Reagan não se utiliza de um enfoque paternalista nas suas relações com o Brasil. O Brasil de 81 tem uma presença bastante significativa no cenário mundial e esse é um fator básico para a posição do governo Reagan relativamente ao Brasil".

Motley esquivou-se de dar uma opinião sobre quando será possível avaliar a política econômica norte-americana, que está baseada na conjugação de uma política monetária restritiva com uma política fiscal voltada para o aumento da oferta (em oposição à política keynesiana de aumento da demanda). "Todos os economistas têm dúvidas" — disse o embaixador. "Eu não tenho opinião. Nas respostas dos economistas a quem faço a mesma pergunta, o placar é zero a zero."

— "O enfoque da política econômica interna de Reagan é basicamente fiscal, bem de acordo com a filosofia política do governo Reagan, que é a da redução da presença do governo na economia. A polí-



Motley: "nenhuma crítica ao Brasil".

tica econômica interna é de que a iniciativa privada deve atuar de forma cada vez mais livre da interferência governamental."

E os subsídios?

Após essa afirmação, Motley disse que "da mesma maneira que pretende que, internamente, o governo americano não dê subsídios às indústrias, espera que os produtos importados também tenham menos subsídios". Essa afirmação levou os jornalistas a perguntarem insistente, em seguida ao almoço, se o embaixador condena os subsídios. Ele porém evitou respostas diretas, afirmando que "não há nenhuma crítica ao Brasil". E acrescentou: "É uma política do Brasil". Admitiu, porém, que tanto os Estados Unidos como os países europeus esperavam que fosse mantida a redução de 15 para 9% no prêmio fiscal do IPI para exportação de manufaturados. (Em vez da redução em 1º de janeiro, como se previa inicialmente, o incentivo diminuirá lentamente, ao longo de 1982).

Ainda sobre o protecionismo, Motley afirmou que não cabe aos Estados Unidos discutir o que o País vai fazer. "Mas quero acabar — assinalou — com o mito de que existe protecionismo nos Estados Unidos. Os Estados Unidos têm as políticas menos protecionistas do mundo ocidental". Afirmou, a seguir, que a taxa média sobre os produtos importados pelos Estados Unidos é de somente 6%.

— A indústria de calçados — disse ainda — está doente há muito tempo por causa da concorrência estrangeira. Qual é outro país do mundo que tem uma indústria doente e permite importações?

Creio que só os Estados Unidos. A solução para os problemas comerciais e para as barreiras que impedem o livre comércio devem ser procuradas no âmbito do GATT (Acordo Internacional de Tarifas e Comércio).

O embaixador Langhorne Motley manifestou sua preocupação com o terrorismo no mundo — principalmente diante da ameaça de um atentado líbio contra Reagan —, recordando também que muitos empresários têm sido vítimas de atentados. Acrescentou que o presidente norte-americano tem não só o dever, mas também a obrigação, de proteger a sua e as vidas dos cidadãos americanos.

Aplauso à abertura

Sobre os direitos humanos, recordou que anos atrás (na época Carter) houve uma controvérsia entre o Brasil e os Estados Unidos quanto aos direitos humanos. "A posição dos Estados Unidos não mudou quanto aos direitos humanos. Faz parte de legislação específica" — ponderou. Explicou, porém, que "o presidente Reagan disse que os Estados Unidos desejam promover o respeito aos direitos humanos. É uma filosofia do governo, mas que não significa que os Estados Unidos pretendem impor a outros governos essa política. Estamos procedendo em nossas relações com o Brasil de uma forma madura. Reconhecemos que cada país tem suas necessidades e respeitamos o fato de que cada país tem sua soberania". Ele afirmou, ainda, que seu país vê "com satisfação" o processo de redemocratização do Brasil.

Motley assinalou que "é preciso haver uma solução para o problema da Nicarágua", e para isso pediu a colaboração de todos os demais países. Mas explicou que os EUA respeitam a posição brasileira contrária à intervenção na Nicarágua.

Sobre o tumulto que envolveu a visita do ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, à Universidade de Brasília, afirmou que o episódio decorreu de que os alunos pensavam que fora o dinheiro da Universidade que pagaria a viagem de Kissinger, o que de fato não ocorreu, porque o ônus coube a algumas empresas. "Eu fui com ele (Kissinger) ao Maracanã. Se quisessem mesmo fazer uma malandragem com ele, fariam lá."